

Cobertura fotojornalística da cracolândia/São Paulo¹

Carlos Eduardo PADULA Filho²

Erivam Morais de OLIVEIRA³

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-SP

RESUMO

Explorar as mazelas humanas além de ser cruel é ineficaz.

As pessoas não são indiferentes às dores humanas, entretanto, num mundo cada vez mais *over* de informação, gerou-se um efeito de amortecimento sobre elas.

Este projeto tem por objetivo demonstrar por imagens a região da cracolândia, sem expor ou julgar a população usuária de entorpecentes, por meio de seus personagens reais, a tentativa de captar seus sentimentos, angústias, emoções, dores, através da fotografia, mas sem explorar seu lado vulnerável e questionar qual o sentido das imagens no mundo de hoje.

PALAVRAS-CHAVE:

fotografia; dor; sentimentos; capturar; cracolândia; sentido; imagens

INTRODUÇÃO

O *Arrheton*, palavra de origem grega, ao tentar buscarmos uma definição, um conceito encontraremos: algo ‘indizível’ para Platão e ‘sem palavras’ (*aneu logou*) para Aristóteles.

Entretanto, durante as aulas do curso de Filosofia do professor Eduardo Oyakawa⁴, estudamos e aprofundamos seu conceito e o entendimento. Poderíamos definir como um olhar transfigurado, um olhar do inefável, que não pode ser expresso por palavras e que só pessoas carismáticas conseguem efetuar o *Arrheton*.

Ainda assim, o conceito não estaria completo. Então, poderíamos dizer que sempre que o ser humano é atingido por fortes emoções, *pathos* (amor, morte, sofrimento ou

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria JO 12, modalidade Produção em Fotojornalismo (avulso/conjunto e série).

² Estudante do 2º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: cadu.padula@uol.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Fotojornalismo, email: erivam.olivera@gmail.com

⁴ Eduardo Oyakawa, Sociólogo, poeta e pós graduado em psicologia pela PUC-São Paulo. Mestre em mística judaica e romantismo alemão e professor de filosofia e lógica da argumentação.

beleza), faz uma viagem solitária e silenciosa ao mais profundo do seu ser. Alguns seres humanos conseguem fazer uma viagem de volta à vida agora com o olhar transfigurado, capaz de dizer mais do que mil palavras.

Agora temos uma definição completa no sentido filosófico do que é o *Arrheton*. Porém, melhor do que definir é quando conseguimos enxergar, capturar um *Arrheton* e para isso nada melhor do que a fotografia.

Através da foto é possível capturar a expressão humana que forma uma verdadeira “máquina da verdade”, capaz de falar mais que qualquer palavra.

Nosso projeto tem como pretensão a captura destes momentos pela população da cracolândia.

OBJETIVOS

O objetivo da produção de imagens da cracolândia, zona central da cidade São Paulo, não é expor a população usuária de entorpecentes ou mesmo criar conceitos ou preconceitos relacionados ao uso de drogas, mas suscitar discussões relacionadas à ocupação e utilização do espaço público por esta parcela da população da cidade de São Paulo, renegada pelo poder público, através do registro de suas aflições diárias para uso da droga.

JUSTIFICATIVA

O tema não é novo. Qual o sentido das imagens? Como reagir diante da dor dos outros? A escritora e filósofa Susan Sontag, em seu livro *Ensaio sobre a fotografia*, escrito nos anos 1970, defendia que a força moral das fotos de guerra estaria neutralizada pelo excesso de exposição. Inundados por imagens capazes de causar indignação teríamos perdido a capacidade de reagir.

Em *Diante da dor dos outros* (2003), Sontag defende que no mundo contemporâneo não existe mais princípio de realidade, é normal que pessoas mudem de canal para não ver imagens com as quais se sintam mal. Porém, não é verdade que a sociedade está menos sensível, desde que as imagens venham acompanhadas de uma mensagem subliminar de que algo pode ser feito, caso contrário, leva o indivíduo à passividade.

As imagens apresentadas neste trabalho são fortes, impactantes, tem poder. Elas são gritantes, causam uma sensação, uma emoção, um chute na boca do estômago, entretanto, ainda que hoje em dia as pessoas ao se depararem com tais imagens se compadeçam, sintam

pena da outra pessoa (indivíduo), elas não pensam em toda a estrutura social, não querem discutir os problemas sociais, as razões humanitárias.

O fotojornalista Greg Marinovich, em seu livro *O Clube do Bang Bang*, destaca que aprendeu a máxima do jornalismo: onde há a sangue, há manchete. Tentando fazer uma relação com o ensinamento de Greg, onde há sofrimento, dor humana, há fotos que terrificam as barbáries humanas. Essas imagens possibilitam mais reflexões do que respostas, mas é possível concluir que “*sem dúvida, a dor do outro é sempre a menor dor - a dor que dói e machuca menos*”.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A ideia principal deste projeto era fazer uma cobertura fotojornalística da cracolândia.

O projeto foi proposto como uma atividade extracurricular de fotojornalismo, realizamos reuniões de pauta semanais no período vespertino na Agência de Jornalismo, sob orientação do Professor Erivam de Oliveira, onde traçamos várias outras atividades e produtos publicadas no Portal de Jornalismo da ESPM-SP.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para este trabalho foram utilizadas uma Canon EOS 7D e uma Canon EOS 1D Mark IV, uma lente Canon EF 24-70mm f/2.8L II USM Lens e outra Canon EF 70-200mm f/2.8L IS II USM Lens.

As fotografias foram feitas de dentro de um veículo, em razão da falta de segurança na região da cracolândia, a hostilidade dos habitantes da região e pela falta de policiamento, sendo que toda vez que éramos descobertos registrando os acontecimentos na região, o veículo era apedrejado, causando desconforto nos frequentadores das ruas.

CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho tem como proposta suscitar perguntas e não dar respostas, até porque a vida real não tem exatamente uma solução. Mesmo que não haja, obviamente, palavras faladas, é possível captar em algumas fotos o sofrimento, o desespero individual. Sabemos que no Brasil não há nenhum tipo de integração de esferas governamentais⁵ e na sociedade políticas públicas para recuperação dessas pessoas, embora este não seja o tema

⁵ <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,alckmin-kassab-e-comando-da-pm-nao-sabiam-de-inicio-de-acao-na-cracolandia,819527,0.htm>

específico do presente trabalho, o discurso de recuperação do usuário é sempre vazio e a diferenciação entre uma política para usuários e outra para traficantes é nula, o que retroalimenta o ciclo vicioso e a dor dos outros continua, a dor que dói menos.

REFERÊNCIAS

MARINOVICH, Greg; SILVA João. **O Clube do Banguê-Banguê: instantâneos de uma guerra oculta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan; **Diante da Dor dos Outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan; **Ensaio Sobre Fotografia**. Quetzal, 2012.

THE COVE. Direção de Louie Psihoyos. Produção de Paula DuPré Pesmen, Fisher Stevens. Roteirista Mark Monroe. Produtor Executivo Jim Clark. Boulder, Colorado, USA, Oceanic Preservation Society Production, 2009. Documentário, 91 minutos, Censura 13 anos.